

## **VII Domingo do Tempo Comum, Ano C**

### **São José do Rio Pardo, Brasil, 20.02.2022**

*Leituras: 1Samuel 26,2.7-9.12-13.22-23; 1Coríntios 15,45-49; Lucas 6,27-38*

O Evangelho deste domingo nos confronta com as exigências mais extremas do ensinamento de Jesus: amar nossos inimigos, fazer o bem àqueles que nos odeiam, rezar por aqueles que nos perseguem, dar tudo não só àqueles que nos pedem algo, mas também àqueles que nos roubam algo.

Jesus explica imediatamente que se não vivermos desta maneira, nossa vida permanece como a de todos os outros, como a de todos os pecadores, como a dos pagãos, enfim, daqueles que não conheceram Jesus e ainda não foram salvos por Ele. Se nossa vida não segue as extremas exigências do Evangelho, Jesus veio em vão, em vão ele nasceu, viveu entre nós e, sobretudo, em vão morreu e ressuscitou por nós. Se não ouvimos estas exigências do Evangelho, significa que vivemos como se Jesus não estivesse, como se não fôssemos cristãos, salvos pelo Sangue do Filho de Deus.

Mas quando dizemos isso, podemos nos sentir assustados e tentados a fugir, porque essas exigências nos fazem ter medo, nos pedem mais do que podemos, estão além de nossas forças. Como poderíamos nos comprometer a viver isto? Já estamos lutando para aturar nossa esposa ou marido, nossa sogra, nosso colega de trabalho, os irmãos ou irmãs de nossa comunidade; como podemos nos iludir a acreditar que amamos nossos inimigos, nossos perseguidores, aqueles que nos odeiam, e nos deixamos privar de nossos bens com alegria?

Para entender como é possível viver desta maneira, para entender como é possível seguir Jesus até as extremas consequências do dom da vida, da gratuidade, devemos antes de tudo observar que nesta página Jesus não nos ordena a viver desta maneira como um policial nos ordena a respeitar as regras rodoviárias. Jesus amavelmente nos convida a segui-lo, e por esta razão, em vez das exigências do Evangelho, ele nos fala de sua beleza. Jesus não nos ordena a extrema gratuidade do amor: ele nos atrai para ela, mostrando-nos toda sua beleza.

Nesta página do Evangelho, de fato, não devemos antes de tudo nos deter nas exigências, pois só correríamos o risco de nos desencorajar, ou de nos iludirmos a acreditar que viver este amor gratuito e misericordioso é possível com nossas próprias forças. Em vez disso, este amor é verdadeiramente impossível para nós! Somente a graça de Deus pode nos tornar capazes de um amor tão gratuito.

Mas então, por que não o acolhemos? Se Deus nos dá essa graça, por que não amamos imediata e facilmente nossos inimigos? Na realidade, Jesus dá sua graça à nossa liberdade, ele quer que a acolhamos de boa vontade, que a aceitemos como um presente que nos enche de alegria.

Mas então, como podemos ter essa liberdade? Como é que nossa liberdade pode chegar a desejar um amor tão grande a ponto de dar nossa vida por aqueles que a tiram de nós, para dar nossos bens àqueles que os roubam de nós?

Nossa liberdade se move em direção ao que excede sua força se for atraída por uma beleza, uma bondade, que a enche de desejo e demanda. Portanto, nesta página do Evangelho, em vez das exigências extremas de amor que Jesus nos pede, precisamos ver como Jesus nos atrai a viver desta maneira, como Jesus nos mostra a bondade e a beleza de uma vida em gratuidade.

Antes de mais nada, devemos lembrar que estas palavras são palavras de Jesus. Não devemos escutá-las sem olhar para ele, sem vê-lo presente, sem olhar para seu bom rosto, sem nos sentirmos olhados por ele com amor enquanto ele nos fala. Então vemos que todo o amor a que Ele nos chama, Jesus nos expressa. Jesus fala com amor e de amor ao homem pecador que se rebelou contra Deus e se fez seu inimigo. Ele fala com amor ao homem que odeia a Deus, que amaldiçoa a Deus, que trata mal a seu Senhor. Ele fala assim ao homem que lhe bate na bochecha, que rasga não só seu manto, mas toda sua roupa, que tirou toda a criação de Deus, que o faz morrer na cruz...

O amor que Cristo nos pede, ele nos mostra e dá tudo em seu olhar, em sua presença conosco, na amizade que ele nos expressa. Jesus nos dá o amor impossível para com nossos inimigos, amando-nos. Ele nos dá revelando-nos o amor do Pai: "Amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca. Então será grande vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom até para os ingratos e os maus. Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso." (Lc 6,35)

Cristo nos atrai ao amor gratuito, revelando-nos seu amor e o amor do Pai, revelando-nos como o Pai o ama e quer nos amar através do Filho.

Quando Jesus foi crucificado, ouviram-no pedir ao Pai que perdoasse seus inimigos: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!" (Lc 23,34). Cristo também, portanto, amou com extrema gratuidade, deixando-se atrair pelo amor misericordioso do Pai, mesmo quando sofreu a mais atroz das torturas. Ele pensou naquele amor do Pai que faz cair chuva sobre os bons e os maus, do qual Jesus viu os sinais em toda a realidade, levando-o a exultar de alegria e gratidão. Jesus amou seus inimigos, ao ponto de deixar-se levar toda a vida, na gratidão pelo infinito amor do Pai.

Sim, Jesus não nos *comanda* ao amor sem limites e cálculos, ele nos *atrai* para ele, e ao nos atrair nos dá esta vida impossível, este amor impossível. A santidade não consiste em ser capaz de amar até o fim, mas em deixar-se atrair pelo amor de Cristo, desejando e pedindo a graça de vivê-lo de modo a aderir a Ele como Ele o faz com o Pai.

*Fr. Mauro-Giuseppe Lepori  
Abade Geral OCist*